



O trabalho de Edison Carneiro sobre a Capoeira de Angola

Segala, Lygia

9Foi com a publicação de *Negros Bantos : notas de etnografia religiosa e de folclore*, em 1937²³, que Edison Carneiro apresenta uma primeira descrição, em livro, da Capoeira de Angola, já mostrada na imprensa de Salvador²⁴, resultado de seu trabalho de campo, de sua observação direta. Elege e consagra a *Capoeira de Angola* como paradigma à análise por lhe parecer » « a mais pura » separando-a da *Capoeira Especial* de Mestre Bimba, a « luta regional baiana », que « aproveita golpe de outras lutas desde a luta romana até o boxe e o jiu-jitsu », sucesso de bilheteria no Parque Odeon da cidade (Carneiro, 1981[1ª. ed. 1937], p. 219).

10A pureza, a origem e a continuidade no tempo do folguedo de angola, certificadoras de « tradição » e de « autenticidade », são conferidas, nos seus argumentos, pela experiência que tinha nas ruas e nas folganças, pela qualidade de seu trabalho de campo e de suas fontes, das informações coletadas junto a *capoeiras velhos*, mais próximos das lembranças d’África. Mais do que restituir a história do jogo, calça suas notas em uma genealogia de autoridades.

11Com poucas fontes de pesquisa « sobre o mundo desconhecido do negro banto », - cita, no livro, os trabalhos de Nina Rodrigues e Arthur Ramos, já notórios nos estudos afro-brasileiros²⁵. Além desses autores, Carneiro anuncia em nota introdutória do livro, a colaboração dos *capoeiras* Samuel « Querido de Deus » - « o maior capoeirista da Bahia afirmam-me os negros »²⁶, personagem de Jorge Amado em *Bahia de todos os Santos* -, Barbosa e Zeppelin. Vicente Salles²⁷, folclorista, assenta que apesar do seu « rigor científico, às vezes mal compreendido », Carneiro « se colocou mais do lado dos portadores de folclore, que a ele se apresentavam sempre desinibidos e solícitos, que ao lado dos teoristas ». Esse compromisso nas duas pontas, afunilando pertencimentos a linhagens de conhecimentos diferentes, acadêmica e popular, expressa-se nas primeiras páginas do livro : a homenagem ao Professor Martiniano do Bonfim, pai de santo e babalaô do Engenho Velho, seu mestre de nagô e amigo, informante de Nina Rodrigues, e a dedicatória, em seguida, a Arthur Ramos, João Cordeiro²⁸ e Guilherme Dias Gomes²⁹.

12Para Carneiro, a *capoeira de Angola*, na Bahia, « mais próxima de suas origens » (Carneiro, 1981[1ª. ed. 1937], p. 219) é « brinquedo », « divertimento velho », *vadiação*. Distingue-a das antigas *malas* do Rio de Janeiro, com lutas à navalha, arruaças,

desafios entre as freguesias, nos oitocentos. Dessa *capoeiragem* e desses « tipos de rua », já comentava Mello de Moraes Filho³⁰ : em « grupos de vinte a cem (...) à frente dos batalhões, dos préstitos carnavalescos, nos dias de festas nacionais, etc, fazem desordem, esbordoão, ferem... ». Carneiro cita Manuel Querino, em *A Bahia de outrora*, quando evoca, por outro viés, o capoeira baiano do passado, com « argolinha de oiro na orelha » e « chapéu de banda », tipo « desconfiado e sempre prevenido »³¹. Ainda que estudo recentes mostrem registros da *capoeiragem* baiana, desde o século XIX, nos arquivos policiais, Carneiro sugere um outro modo de apropriação e de apreciação da capoeira : « Os capoeiras da Bahia não são homens sem profissão, mas estivadores, carregadores, pescadores, que, nas horas vagas, e jamais em dias úteis, se reúnem para *vadiar* » (2008 [1^a ed. 1950], p. 53).

¹³Das suas pesquisas instiga uma cartografia desse *folguedo*, no mais das vezes ligado ao calendário de « festas tradicionais gerais, locais, típicas ou do orogo »³². Apresenta, de forma sucinta, várias « espécies de capoeira » - o que mais tarde corrige para « estilos de capoeira », « reconhecíveis pelo ritmo e pela canção » (1982 [1^a. ed. 1974], p. 118). Sem detalhes, descreve a *roda*, a *orquestra* de berimbau, chocalhos e pandeiros, a « entrada dos lutadores », a agilidade dos golpes. Destaca cantos e toques, avivando da sua experiência de menino, lembranças do que ouvira em *rodas* na Conceição da Praia. A « autenticidade » do folguedo é instruída pelo *valor de presença* (Heinich, 2012, p. 26). Completa esse inventário afetivo com cantos novos, por vezes *cantos de trabalho* resignificados no jogo da rua. Neles indica misturas de expressões tipicamente portuguesas e africanas, recriações, recomposições na precisão de « mudar de nome para dar no verso », nas deturpações, no sincretismo, no « aproveitamento das quadras populares »³³. Retoma em outro trabalho, publicado em 1975, no primeiro número dos *Cadernos de folclore*, editado pela Campanha, alguns desses pontos, ampliando informações sobre a história do jogo, seu lugar na literatura como « forma nacional de luta »³⁴. Cita capoeiras lendários que inspiraram *chulas*, poemas e crônicas fantásticas, mitos heroicos como o de Mangangá, Besouro de Ouro, tema de cordel e de teatro popular. Dos golpes, apresenta desta vez, uma listagem comentada, talvez por conta das lições já publicadas por alguns Mestres, das codificação crescente dos movimentos nas « academias ». Nesses espaços formalizados de aprendizagem, Carneiro distingue a linhagem de Angola do Mestre Pastinha que « na sua sala de exibições no Pelourinho continua a tradição dos grandes "discip'os de Mangangá" ». Além do « velho Pastinha », inclui os « locais certos » de Waldemar da Liberdade, de Traíra e Canjiquinha como capoeira folclórica popular³⁵.

¹⁴No *Caderno de Folclore*³⁶, aparecem seis fotos de Marcel Gautherot feitas na região do porto e na praia³⁷. Têm, com o apoio do texto,

uma função de comprovação da tradição e da arte, deslocando simbolicamente o *brinquedo à luta nacional*³⁸. É Mestre Pastinha, porém, que, através do seu livreto ilustrado (Mestre Pastinha, 1964), com fotos de verificação³⁹, ajuda a explorar a série de imagens feitas por Gautherot. Referência no estudo de Carneiro⁴⁰, publica em 1964 seu livreto com capa de Carybé e apresentação, na orelha, de Jorge Amado. Já com renome internacional, Amado o distingue como « Mestre da capoeira de Angola e da cordialidade baiana, ser de alta civilização (...). Em sua Escola do Pelourinho, Mestre Pastinha constroe cultura brasileira da mais real e da melhor »⁴¹. As homenagens e as assinaturas de Amado e Carybé realçam e qualificam o texto e as apreciações do capoeirista⁴². Carneiro no entanto, faz uma resenha pouco entusiasmada na *Revista Brasileira de Folclore*⁴³. Critica a *autoria induzida* do trabalho :

« *Pastinha mostrava aos amigos desenhos (na verdade silhuetas) de vários golpes de capoeira e declarava estar preparando um livro*⁴⁴. *O folheto não traz os desenhos. E o velho capoeira foi induzido (quem sabe por quem?) a escrever um livro não na sua linguagem ao mesmo tempo pitoresca e pertinente mas com um luxo de vírgulas e de palavras difíceis que nada acrescenta à sua fama. Em vez de desenhos há fotografias – e estas por sinal não são boas fotografias* » (1966, p. 226).

¹⁵Na « Bibliografia Crítica » de Vicente Salles, publicada na *Revista*, pode-se ler : « uma obra precária – faltam as melhores experiências pessoais do grande capoeirista » (Salles, 1969, p. 97). Reclamam os autores dos critérios nessa domesticação de autoria onde o texto instruído, ao mesmo tempo em que divulga e promove o jogo, não dá lugar para as diferenças⁴⁵.

¹⁶No livreto, Mestre Pastinha distingue a *Capoeira Angola* « jogada » pra valer –« luta e luta violenta », saindo dos limites esportivos daquela de « demonstrações » onde ela é « ginga maliciosa » (Mestre Pastinha, 1964, p. 10), jogo e brinquedo. É sobre esta « demonstração amistosa »⁴⁶ que desenvolve seus comentários, demanda seu reconhecimento. Adverte sobre os limites descritivos da fotografia na documentação da capoeira. No livreto, ressalta que elas « mostram uma das faces principais de cada golpe, para ser perfeita descrição seriam necessárias numerosas fotografias para demonstrarem toda a dinâmica de sua aplicação » (Mestre Pastinha, 1964, p. 7).

Notas

²³ Essa primeira edição do livro, pela editora do Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, fazia parte da Biblioteca de Divulgação Científica, coleção então dirigida por Arthur Ramos.

²⁴ CARNEIRO, « Capoeira de Angola ». *Jornal O Estado da Bahia*, Salvador, 09 de junho de 1936.

²⁵ A considerar especialmente *Os Africanos no Brasil* de Nina Rodrigues, escrito entre 1890-1905 e publicado em 1932 e *O Negro Brasileiro : etnografia religiosa e psicanálise* publicado em 1934 (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira) e *O Folclore negro do Brasil : demopsicologia e psicanálise* (Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil) em 1935, de Artur Ramos. Olívia Gomes

da Cunha, no estudo que faz sobre a troca de correspondência entre Carneiro e Ramos sublinha que « entre os dois, Edison parece encarnar voluntariamente a figura de um cordial e aplicado coleto de informações e Ramos, um nada inocente e provável editor de seus escritos ». CUNHA, 2004, p. 63. E, pouco afeito, no entender de Carneiro, à pesquisa de campo. CARNEIRO, 1964.

26 CARNEIRO, 1981 [1937 1^a ed.], p. 219. A notar que, Mestre Querido de Deus dirigiu a exibição de Capoeira de Angola no II Congresso Afro-brasileiro na Bahia, articulado como já se indicou, por Carneiro.

27 Cf. « Apresentação ». In: CARNEIRO, 1982. A primeira edição veio a público, em 1974, depois da morte de Edison Carneiro (1972).

28 Romancista baiano, participou, em Salvador, com Carneiro e Jorge Amado do movimento literário conhecido como Academia dos Rebeldes (1927-1931). Ver a respeito NASCIMENTO, 2010: 32-33.

29 Guilherme Dias Gomes realizou com Edison Carneiro um vocabulário nagô-português a partir de levantamentos feitos junto ao mestre Martiniano do Bonfim.

30 MELLO MORAES FILHO, 1895, p. 403. Sobre « luta violenta », Carneiro, baseado em QUERINO, 1955, menciona brevemente os capoeiras valentes da Bahia, no tempo do Império, mandados à Guerra contra o Paraguai (1864 -1870). CARNEIRO, 1981 [1^a ed. 1937], pp. 211-212.

31 QUERINO, 1955 [1^a ed. 1916], 75, 73. O livro, dessa 4^a edição é ilustrado com desenhos de Carybé.

32 CARNEIRO, 1982 [1^a edição 1974], pp. 15-16. O autor enfatiza que « as festas tradicionais são a moldura necessária e própria à existência dos folguedos populares. E, sem estes, será impossível recuperar, em toda a sua riqueza, o folclore brasileiro ». Idem, p. 16.

33 CARNEIRO, 1981 [1937 1a. ed.], pp. 216-217.

34 A sublinhar que tentativas de reconhecimento da capoeira como « ginástica nacional » foram feitas, ainda que de forma isolada, já início do século XX, principalmente através dos argumentos nacionalistas do escritor Coelho Neto que a « celebrava como a verdadeira educação física do Brasil ». Apud. *Inventário...* 2006, p. 17.

35 Sobre a invenção e a estabilização da categoria *Capoeira de Angola* ver VASSALO, 2003, pp. 106-124.

36 Os textos do *Cadernos de folclore n.1* foram também publicados no livro *Folguedos tradicionais*, já citado.

37 São também de Gautherot as fotos que ilustram o texto de Edison Carneiro, Capoeira, publicado em 1956, na festejada *Revista Módulo de Arquitetura e Artes Plásticas*, n.4. Esta tinha como um dos diretores o arquiteto Oscar Niemeyer. O texto é resumido abrindo espaço para as fotografias, algumas em página inteira. Aparecem entre os trabalhos de Oswaldo Goeldi e Maria Martins, artistas reconhecidos de vanguarda na época, também publicados nesse número.

38 Cabe lembrar que no almoço oferecido ao Presidente da República Getúlio Vargas, à ocasião do 1º. Congresso Nacional de Folclore, em 1951, entre as « demonstrações folclóricas » exibidas estão « capoeiristas baianos em demonstrações ritmadas da *Capoeira de Angola* ». Jornal *A Noite*, Rio de Janeiro, 27 de agosto de 1951 ; Hemeroteca da Biblioteca Amadeu Amaral, Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

39 O livreto traz 17 fotografias comentadas sobre o jogo, os instrumentos musicais e os golpes. A baixa qualidade das imagens revela, nas áreas difusas, pernas e braços, figuras fundamentais dos movimentos instigando o leitor a adivinhar detalhes do resto do corpo e da dinâmica do jogo. Chamam sempre a atenção, nessa arte da "Academia", os pés com meias e sapatos em contraponto aos pés nus nas *vadiações* de rua.

40 A frisar que, em 1966, com Edison Carneiro, Mestre Pastinha e outros capoeiristas de Angola participam do *I Festival Mundial de Artes Negras*, em Dakar, Senegal. Tal distinção atualiza e consagra as idéias de Carneiro sobre a *pureza, a origem e a tradição* da *Capoeira de Angola* no âmbito das manifestações populares afro-brasileiras. A *Revista Brasileira de Folclore* (n. 15 (1), maio-agosto 1966), noticia a publicação de *The African Contribution to Brazil*, pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil, para apresentação no evento. Nela, Carneiro escreve um ensaio sobre religião. As fotografias do livro são de Marcel Gautherot.

41 Na economia interna do livro, essa reverencia textual se afirma no jogo de reconhecimentos recíprocos expresso em fotografia (p. 13) assentido pela legenda : « Mestre Pastinha abraçado ao seu grande amigo e admirador Jorge Amado, o escritor que é uma glória para as letras nacionais ».

42 Outra foto de homenagem de Wilson Lins - romancista, Secretário de Educação e Cultura da Bahia 1959-62 - e a dedicatória ao Dr. José Benito Colmenero - médico espanhol, professor de acordeom e capoeirista - que faz a apresentação do livro, oficializam de certo modo o jogo atestando-o como expressão turística da Bahia. Nessas imagens introdutórias há ainda uma « vista do prédio onde funciona a Academia » (p 19), vizinha à Igreja N. Sra. do Rosário dos Pretos no Pelourinho tombada pelo SPHAN (Serviço de patrimônio histórico e artístico nacional), em 1938. Afirma-se, pela narrativa de imagens, legitimidade e competência culturais.

43 *Revista Brasileira de Folclore* n. 15, maio-agosto 1966 p. 226.

44 Os manuscritos e desenhos de Mestre Pastinha, no seu "Quando as pernas fazem *mizérer*"(sic), 1960, podem ser consultados em <http://portalcapoeira.com/Downloads/Download-document/55->

[Os-Manuscritos-do-Mestre-Pastinha](#), acesso 02-07-2012. A notar que, nesse processo de reconhecimento do jogo como manifestação cultural, para além de artigos em publicações especializados ou na grande imprensa aparecem, principalmente a partir dos anos 1960 livros assinados pelos próprios capoeiras, fixações textuais do que antes se aprendia pela observação, experimentação, ouvir dizer. Waldeloir Rego menciona que a "primeira contribuição impressa assinada por capoeirista foi o livrero com as lições do curso de Mestre Bimba que acompanhava o LP *Curso de Capoeira Regional Mestre Bimba* saído pela gravadora baiana J.S. Discos, s/d. Indica ainda o de Rafael Alves França (Cobrinha Verde), Centro Esportivo de Capoeira Angola 2 de julho/ narrado por Rafael Alves França e escrito por José Alexandre. Salvador, 1963. REGO, 1968, pp. 270, 263.

45 A reter que na sua estratégia política, Carneiro faz-se também porta-voz, apoio engajado na visibilidade dos saberes populares. Em carta a Vivaldo Costa Lima (9/11/1967) menciona que escreveu artigos no jornal *O Estado da Bahia* para Martiniano do Bonfim : « tomei as notas, redigi o artigo e levei-o novamente ao velho babalô, que o aprovou ». Acervo Edison Carneiro. Biblioteca Amadeu Amaral, CNFCP, Rio de Janeiro.

46 Além dessas categorias – *luta violenta, demonstração amistosa* – o capoeirista Mestre João Grande menciona a *capoeira de show*, em espetáculos folclóricos. CASTRO, 2010, p. 32.